

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS

JOSEANE LUCIA DE MELLO

O ATO DE DOCUMENTAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR
ARGUMENTATIVO

São Leopoldo
2021

JOSEANE LUCIA DE MELLO

**O ATO DE DOCUMENTAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR
ARGUMENTATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras, pelo Curso de Letras/Português da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Vier

São Leopoldo

2021

AGRADECIMENTOS

À minha família, meu pai José, minha mãe Suzana, meu irmão Luciano e minha cunhada Milleny, por me apoiarem durante a minha graduação. Sempre me dando força para enfrentar os obstáculos ao longo do processo de formação. E me ajudando em tudo que era necessário, trazendo um chá ou café enquanto estudava.

Agradeço às minhas amigas, Caroline e Thaís, que estiveram sempre ao meu lado, ouvindo os meus relatos e me mostrando, que às vezes era necessário uma pausa, para que o trabalho pudesse se desenvolver melhor.

À minha orientadora, Sabrina, por ter acreditado em mim e na minha pesquisa, uma inspiração de pessoa, mulher e professora, que sempre esteve pronta para me ouvir e me fazer pensar sobre, me orientando sempre com muita sensibilidade e empatia.

À minha psicóloga, Daniela, que foi fundamental ao longo desse período, me fazendo pensar e refletir sobre todo esse percurso. E por último, mas não menos importante agradeço a mim, por ter realizado esse trabalho, que tenho muito orgulho, unindo minhas duas paixões, a Educação Infantil e o Curso de Letras.

RESUMO

Documentar é uma ação muito importante na Educação Infantil. Isso porque, por meio do ato de documentar, acompanha-se e registra-se a aprendizagem das crianças nas escolas. O ato de documentar na Educação Infantil se dá por meio do parecer descritivo, portfólio e mini-histórias. Diante desse contexto, esta pesquisa se propôs a compreender como a argumentação se faz presente nessas três maneiras de documentar, para convencer o leitor das aprendizagens da criança. Para isso, foi selecionado um conjunto de documentações, formado por um parecer, um portfólio e cinco mini-histórias, de uma mesma criança da faixa etária 1, de uma escola da rede pública de Novo Hamburgo. Por meio de 13 trechos, foram analisados três modos de encadeamento apresentados por Charaudeau (2012). Os resultados apontam que a argumentação estava presente por meio da adição, oposição e conjunção: mostrando que às vezes a conclusão não é a que se imaginou inicialmente, comprovando a importância que a escola tem na vida da criança, e provando que a família tem um papel fundamental no processo de aprendizagem, cada um participando e ajudando da sua maneira. Observamos também, que cada ação da criança tem um porquê, um motivo para a ação. Conclui-se então que, por meio da argumentação, pode-se ver o quanto a participação e presença da família é importante no processo de aprendizagem da criança, cada família fazendo-se presente da sua maneira, respeitando a singularidade de cada uma delas.

Palavras-chave: Argumentação. Educação Infantil. Parecer. Portfólio. Mini-histórias.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 5 |
| 2 ARGUMENTAÇÃO COMO PRÁTICA HUMANA | 9 |
| 2.1 Conceito | 9 |
| 2.2 Importância | 13 |
| 3 DOCUMENTAR COMO PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 16 |
| 3.1 O parecer descritivo | 17 |
| 3.2 Portfólio | 19 |
| 3.3 Mini-história | 21 |
| 4 OS CAMINHOS PERCORRIDOS | 25 |
| 4.1 Oposição | 26 |
| 4.2 Causa | 29 |
| 4.3 Conjunção | 30 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 35 |
| REFERÊNCIAS | 37 |

1 INTRODUÇÃO

A avaliação é uma realidade no contexto escolar. Esse processo, na Educação Infantil - foco desta pesquisa -, tem o intuito de apresentar as evoluções trazidas pela criança, mostrando que todos são capazes de aprender, cada um no seu tempo e com suas especificidades. Conforme Oliveira *et al.* (2011, p. 86), “A análise dos registros permite verificar o desenvolvimento do aluno comparando-o com ele mesmo - não com um modelo preestabelecido ou com outrem”. Assim, a avaliação na Educação Infantil, o olhar para o desenvolvimento da criança, precisa ser objeto de estudo constante.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a da Educação Infantil (DCNEI) (2010, p. 29),

As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: [...] Documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil.

Assim, nas escolas brasileiras, diante da perspectiva da avaliação, o professor elabora uma documentação, que fica a critério dele de como deseja registrar essas aprendizagens. Uma forma muito utilizada para esse momento é o parecer descritivo, no qual será descrito o processo de ensino aprendizagem realizado pela criança de 0 a 5 anos ao longo do semestre. Como Hoffmann (2012, p. 97):

Importante observar que a Educação Infantil foi precursora dessa forma de registro do desempenho das crianças que passou a ser utilizada, também, na avaliação dos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

A presença deste documento, como parte integrante do processo de avaliação, é fundamental para que as famílias consigam ter uma devolutiva referente àquele período escolar de seu filho(a).

Para elaborar este documento, o docente deve argumentar para convencer os familiares sobre as aprendizagens conquistadas. Segundo Charaudeau (2012, p. 205), “O sujeito que argumenta passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento.” Ou seja, a argumentação tem um papel de extrema importância, nesse processo de documentação, pois é por meio dela que o docente irá convencer os familiares das aprendizagens das crianças. Sendo assim, é necessário que esta argumentação seja consistente, deixando explícito os processos de aprendizagem até o momento.

Segundo Hoffmann (2012, p. 12), durante a escrita do parecer descritivo, o docente deve estar ciente de que,

Avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões com a intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento.

Lembrando-se sempre, que este documento deve retratar as conquistas alcançadas pela criança de forma explícita, apresentando argumentos que baseiam a prática e demonstram as aprendizagens. De acordo com Hoffmann, (2012, p. 14) “avaliar é acompanhar”, sendo assim, o docente deve acompanhar os processos evolutivos de cada uma das crianças de sua turma, e a partir dos seus acompanhamentos e registros, deve realizar a escrita da documentação, apresentando seus argumentos.

Para dar mais importância e significado a este processo, são confeccionados os portfólios. Com os bebês crianças bem pequenas a confecção fica de incumbência do docente somente, e na faixa etária dos maiores, esta criação é realizada em parceria, criança e adulto. Segundo Barbosa e Horn (2012, p. 110) o portfólio, ou “coleta de amostra de trabalhos” como denominado por elas, “[...]”

consiste em realizar a seleção de materiais significativos realizados durante um período do percurso, justificando e argumentando a seleção”.

Além disso, também é possível fazer essa documentação por meio de mini-histórias. Conforme Fochi (2019, p. 23)

Escolher contar algo sobre as crianças diz muito mais do que querer contar tudo. Ao mesmo tempo em que narramos sobre as crianças que protagonizam as histórias, também estamos falando sobre a infância enquanto uma categoria geracional e, portanto, que é histórica e socialmente construída. Por isso, as mini-histórias transformam-se em metáforas narrativas que nos contam sobre os processos de aprendizagem e de construção de significados pelos meninos e pelas meninas.

Como professora que atua na Educação Infantil, sabemos que o professor, quando realiza a escrita do parecer descritivo, deve sempre pensar que essa documentação acompanhará a criança por toda a sua jornada escolar. Devendo ter um cuidado na forma de argumentar e detalhar as descobertas que por ele foram realizadas ao longo de um semestre, atentando-se também que os familiares esperam por um longo período para receberem este material e que costumam estar apreensivos para tomar conhecimento das evoluções trazidas pelo filho(a).

Tendo em vista a importância que a argumentação possui para convencer as pessoas sobre determinado tema e que é papel da escola comunicar e valorizar as aprendizagens das crianças, acredito ser pertinente abordar a argumentação no âmbito da Educação Infantil, pois é necessário que ela contribua para uma boa comunicação entre famílias e docentes. Neste sentido, o presente trabalho irá analisar um conjunto de documentações - parecer descritivo, portfólio e mini-histórias - de uma criança da faixa etária 1 de uma escola de Educação Infantil da rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. O intuito da pesquisa é compreender como a argumentação se faz presente nesta documentação, para convencer o leitor das aprendizagens desta criança.

Este estudo está organizado em 5 capítulos, primeiramente, trazemos uma introdução sobre o assunto. Em seguida, no segundo capítulo, intitulado “argumentação como prática humana”, apresentaremos alguns conceitos sobre a argumentação, bem como a sua importância dentro das documentações pedagógicas desenvolvidas pelos docentes.

No terceiro capítulo, “documentar como prática na Educação Infantil”, mostraremos três formas de realizar a documentação, sendo elas o parecer descritivo, o portfólio e as mini-histórias, caracterizando cada uma delas.

No quarto capítulo, será mostrado os caminhos percorridos para realizar a análise dos documentos, nela utilizaremos a pesquisa qualitativa, pois será realizada a análise dos conteúdos, não sendo possível reduzir a números os resultados encontrados, sendo a análise dividida em categorias.

Por fim, no quinto capítulo, são apresentadas as considerações finais diante dos resultados obtidos, levando em conta os objetivos propostos e o desenvolvimento da pesquisa.

2 ARGUMENTAÇÃO COMO PRÁTICA HUMANA

Neste capítulo, serão abordados o conceito de argumentar e o papel que a argumentação tem na documentação da Educação Infantil da rede Municipal de Novo Hamburgo. Deste modo, mostrando como a argumentação faz-se presente no processo de escrita destas documentações e qual o papel dela nos registros.

2.1 Conceito

Argumentação é muito importante desde a antiguidade e com o passar dos tempos, o ato de alegar e expor uma linha de raciocínio foi ganhando seu espaço, conforme Fiorin (2018, p. 9),

A vida em sociedade trouxe para os seres humanos um aprendizado extremamente importante: não se poderia resolver todas as questões pela força, era preciso usar a palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa.

Diante disso, começamos a nos apropriar desse conceito, passando a utilizá-lo para mediar conflitos, posicionar-se sobre assuntos, desenvolvendo desta maneira a capacidade de argumentar. A arte de falar e argumentar, nos acompanha desde pequenos, como Koch e Elias (2018, p. 23) trazem:

Aprendemos a argumentar desde cedo, ainda crianças: quando queremos que nossos pais leiam um livro para nós, uma, duas ou mais vezes; quando não queremos dormir; quando justificamos a professora a tarefa em branco, quando apresentamos razões para nossas escolhas ou comportamentos etc.

Apresentamos argumentos para convencer o outro sujeito sobre o que acreditamos ser verdade, quando nos posicionamos sobre um determinado assunto, como por exemplo a política. Tentamos provar a ele que determinado posicionamento seria o melhor, ou quando apresentamos fatos para não realizar uma tarefa de casa, como lavar a louça. Neste momento, criamos um enredo e argumentamos sobre ele, ou seja, a argumentação está nas mais variadas ações do

nosso cotidiano, fazendo-se presente, para a construção do sujeito, desenvolvendo de certa forma a democracia, pois ajuda a ampliar as discussões, exercendo um posicionamento sobre elas.

Mas o que é argumentar?

Várias são as definições do ato de argumentar. Charaudeau (2012, p. 202) diz que, “Desde a Antigüidade, os gregos fazem da argumentação um cavalo de batalha, colocando-a no centro da Retórica, essa maravilhosa máquina de seduzir e persuadir: ‘a arte de falar’.”. Charaudeau (2012, p. 202) apresenta também a concepção que O. Ducrot, que vê a argumentação como uma forma de “orientar” a fala do outro, mostrando uma interferência no discurso. J.B. Grize, trata a argumentação como uma “lógica natural”, ou seja, considera todo o contexto em que os “sujeitos da comunicação” estão inseridos. Por fim, C. Perelman, define que seja uma “lógica” da linguagem. Essas definições apresentadas por Charaudeau nos colocam a refletir sobre o que de fato é argumentar e como isso ocorre.

Nesta pesquisa, a argumentação é compreendida como um ato de linguagem. Segundo Charaudeau (2012, p. 10), o ato de linguagem “[...] trata-se de um rico e complexo fenômeno de comunicação, uma atividade que se desenrola no teatro da vida de cada indivíduo e cuja colocação em cena resulta de vários componentes linguísticos e situacionais;”. Então, para que um ato de linguagem seja considerado argumentativo, é necessário que haja duas importantes relações triangulares, conforme nos propõe Charaudeau (2004, p. 38),

- 1) A primeira relação na qual há um sujeito argumentador que cria um questionamento, um sujeito-alvo ao qual o questionamento é dirigido é um propósito que realiza sua própria busca; que provoque questionamentos há alguém, quanto a sua autenticidade;
- 2) A segunda relação em que o argumentador precisa problematizar, elucidar e provar, através do seu discurso.

Neste sentido, a argumentação se constitui, por um sujeito que elabora uma proposta e problematiza, apresenta o fato de que se trata, elaborando um questionamento, segundo elucidada, ou seja, faz o sujeito compreender, deixar explícito o seu posicionamento e por último provar, como Charaudeau (2004, p. 40) diz “fazer crer” no que foi que apresentado, validando seus argumentos. Desta

maneira expondo sua opinião e o seu posicionamento, tentando fazer com que o sujeito-alvo, passe a ter a mesma posição, utilizando recursos da língua para que isso ocorra.

Desta forma, segundo Charaudeau (2004, p. 37),

[...] todo ato de linguagem só tem significado em função da situação de comunicação na qual ele é produzido, da identidade e da intencionalidade do sujeito que é o responsável por ele, do tema de que trata (a tematização) e de circunstâncias materiais em que ele se encontra.

Considerando assim, a argumentação como uma prática social, pois ao mesmo tempo que tem uma liberdade de escolha no que deseja argumentar e de que forma realizar este processo, encontra-se limitado pela “situação comunicacional” (CHARAUDEAU, 2004). Ou seja, é considerada uma prática social, pois está no mundo, para ajudar as pessoas a se comunicarem e não somente na linguagem. E neste sentido abordaremos a argumentação ao longo deste trabalho, como uma prática social.

Em virtude disso, não podemos separar a argumentação do convívio em sociedade, pois como Koch e Elias (2018, p. 28) nos fala, “[...] o ato de argumentar, isto é, de orientar o que se diz para determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental.” Ou seja, através da argumentação e de um propósito os sujeitos podem, posicionar-se, concordar, discordar, questionar e assim defender o que acreditam, exercendo a cidadania desta maneira. Portanto, argumentar é mostrar quais são as nossas convicções, nosso propósito, a partir de nossos posicionamentos verbais e gestuais.

Mas não é somente isso, como podemos ver em Charaudeau (2016, p. 12):

Trata-se aqui de se interrogar sobre os modos de organização do discurso de acordo com o que escolhemos contar/descrever ou argumentar. Contar supõe que se organize seu discurso de maneira descritiva e narrativa; e argumentar que se organize seu discurso de maneira argumentativa.

Ou seja, é preciso escolher como faremos este discurso e de acordo com isso estruturá-lo, decidindo quais as palavras que melhor representam essa escolha de

argumentar ou contar. São essas decisões que vão compondo e evidenciando uma argumentação, para que de fato, fique explícito o objetivo do professor, para isso, é necessário que ele atente-se à seleção lexical como nos apresenta Koch e Elias (2018, p. 32),

A seleção lexical é uma das mais importantes estratégias para uma boa argumentação. É preciso, pois, muito cuidado na escolha do vocábulo que deve ser adequado, tanto com relação ao tema que vai se desenvolver, quanto ao destinatário, aos propósitos do enunciador e a toda situação comunicativa.

Charaudeau (2012, p. 210) apresenta os “modos de encadeamento” que,

Considerando que a relação argumentativa se define no seu fundamento como uma relação de causalidade, é normal que as relações lógicas pertencentes às categorias da *Implicação* e da *Explicação* sejam destinadas a expressá-la. Pode acontecer, entretanto, que outros tipos de relações lógicas se inscrevam diretamente numa relação argumentativa e tomem, então, um valor de *causalidade*. (grifos do autor)

Nesse sentido, são listadas “articulações lógicas” mostrando de que maneira elas podem se integrar dentro da argumentação. Ou seja, ele mostra sete categorias, sendo elas: a conjunção, a disjunção, a restrição, a oposição, a causa, a consequência e a finalidade, apresentando breves definições sobre cada uma delas, mostrando que os argumentos podem ter diferentes intenções.

Koch (2011, p. 33) apresenta algumas marcas linguísticas que podem se destacar na argumentação:

1. As **pressuposições**; 2. As marcas das **intenções**, explícitas ou veladas, que o texto veicula; 3. Os modalizadores que revelam sua **atitude** perante o enunciado que produz (através de certos advérbios, dos tempos e modos verbais, de expressões do tipo: ‘é claro’, ‘é provável’, ‘é certo’ etc); 4. **Os operadores argumentativos**, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva; 5. As **imagens recíprocas** que se estabelecem entre os interlocutores e as **máscaras** por eles assumidas no jogo de representações ou, como diz Carlos Vogt, nas pequenas cenas dramáticas que constituem os atos de fala. [grifos da autora]

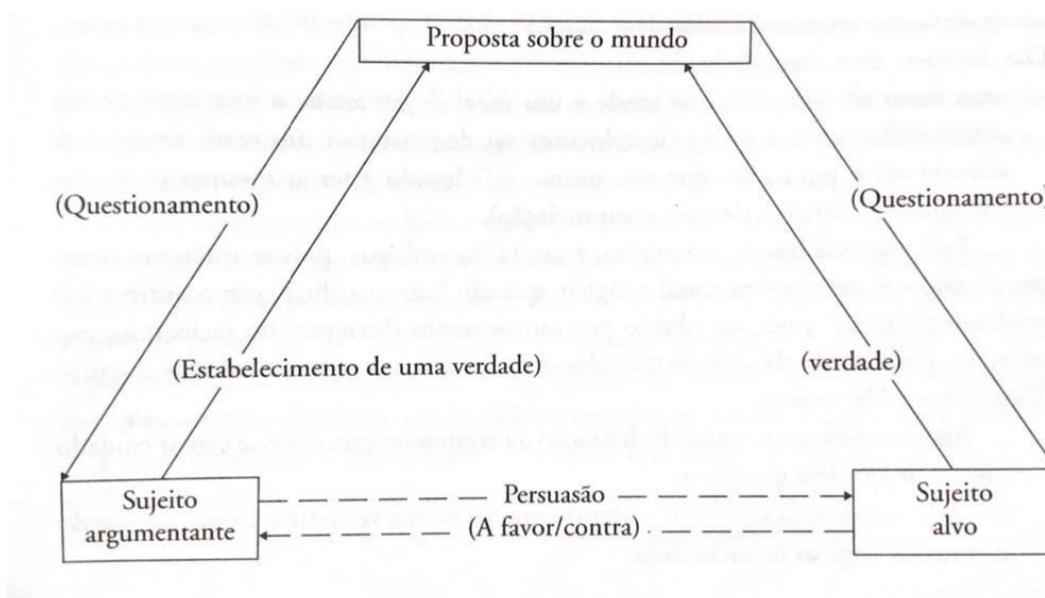
Assim, a argumentação nesta pesquisa é compreendida como uma prática social, que tem marcas linguísticas que deixam ver que temos a liberdade para escolher o que desejamos argumentar, mas que também é necessário ater-se a comunicação que desejamos realizar. A argumentação tem o intuito de convencer o sujeito sobre um determinado assunto, sendo assim ela está presente para auxiliar na comunicação, por isso consideramos uma prática social.

2.2 Importância

Charaudeau (2004) fala que uma argumentação não é melhor ou pior, apenas são diferentes, tendo argumentos e sujeitos diferentes, mas se compreende. Ou seja, através da argumentação o professor tenta colocar para os responsáveis sua percepção sobre as aprendizagens, descrevendo, justificando os fatos, por isso, torna-se tão importante argumentar.

Conforme Charaudeau (2012, p. 205) nos apresenta na imagem a seguir, para que de fato ocorra a argumentação é necessário uma “relação triangular”, que é composta por um “sujeito argumentante”, que nessa relação seria o professor que está argumentando sobre as aprendizagens de seu filho “proposta sobre o mundo” para um “sujeito-alvo”, que neste caso é a família desta criança.

Figura 1 - Relação triangular



Fonte: Charaudeau (2012, p. 205)

Ou seja, o professor elabora a documentação defendendo um posicionamento sobre a aprendizagem, tendo como objetivo convencer o leitor que é a família para que acredite nos argumentos apresentados, evidenciando que a argumentação é uma tarefa fundamental para a interação entre as pessoas do mundo. Por meio dessa figura, vemos que a família tem uma verdade, tem seu conhecimento, e que o professor, por meio de sua argumentação, precisa levar isso em conta.

No caso da escrita da documentação, a palavra em um contexto pode ter um sentido positivo, mas se colocarmos ela em outro pode ser interpretado como negativo. Em uma situação entendemos de certa forma, em outra podemos validar esse ato argumentativo diferente do inicial.

Nesse sentido, o fato de argumentar é tão necessário e relevante, o cuidado com a adequação correta das palavras é fundamental para que a mensagem a ser entregue, seja compreendida de forma correta. Como Charaudeau (2016, p. 14), apresenta,

- todo ato de linguagem é produzido em uma "situação de comunicação" que fornece instruções de produção e de interpretação do sentido aos parceiros da troca; o sentido resulta de uma coconstrução e, então, o ato argumentativo, que lá se encontra, obtém sua validade (e não seu valor) das instruções que vêm dessa situação;

É a partir de uma determinada situação que o professor, coloca sentido aos fatos, construindo uma argumentação que evidencie e valide tudo isso que foi observado.

Assim, no processo de avaliação que a documentação deixa ver, a argumentação é importante porque é por meio dela que o professor consegue evidenciar as aprendizagens e vivências da criança. Desta maneira, convencendo a família sobre o processo de ensino aprendizagem do seu filho(a).

3 DOCUMENTAR COMO PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, abordaremos algumas formas de documentar esse processo de avaliação. Falaremos sobre os pareceres descritivos, os portfólios e as mini-histórias, apresentando características sobre cada uma dessas maneiras de elaborar e registrar os processos de aprendizagens da criança. As formas de documentar podem mudar de professor para professor, bem como de escola para escola, ou até mesmo de município para município. A maneira como a escola/professor organiza essa documentação diz muito sobre o olhar que elas têm para com relação às crianças e a infância.

Pensando nisso, é válido apresentar algumas considerações muito importantes que Fochi (2019, p. 12) vem trazendo, diferenciando “as palavras documentar (verbo), documentação (substantivo) e Documentação Pedagógica (conceito).

Inicialmente Fochi (2019, p. 12 grifos do autor) diz que “O verbo **documentar** é sinônimo de registrar, de produzir documentos ou evidências”, ou seja, “o ato de produzir registros”, que podem ser feitos através de diferentes registros, de observações que são realizadas sobre a prática, tais como “fotografar, filmar, anotar, recolher produções das crianças” (Fochi, 2019, p. 12). Mas o documentar refere-se somente ao fato de produzir um registro, não dando “conta do conceito da Documentação Pedagógica”.

Fochi (2019, p. 13) traz também a definição da documentação (substantivo),

Já, o substantivo **documentação** trata-se do documento construído a partir dos registros realizados, ou seja, do produto em si (livreto, folheto, vídeo, painel, mini-história, portfólio). Assim como o simples ato de produzir registros (documentar) não se basta em si mesmo, o produto (ou seja, a documentação) também não. (grifo do autor).

Com base na documentação (substantivo), que é “o produto comunicado” que também não dá conta do todo, o autor traz a ideia da Documentação Pedagógica como uma “estratégia pedagógica” que vai além de produzir registros e construir o produto. A Documentação Pedagógica é “o modo de fazer, refletir, projetar, narrar o cotidiano” (Fochi, 2019, p. 13). Ou seja, é o todo, como Fochi (2019) apresenta é o

modo como fazemos para comunicar as vivências e aprendizagens da jornada escolar, as reflexões e o modo de olhar e pensar esse cotidiano.

Assim, neste estudo, são três os atos de documentar que interessam: o parecer descritivo, o portfólio e a mini-história.

3.1 O parecer descritivo

Nesta seção, falaremos sobre o parecer descritivo, que segundo Hoffmann é (2012, p. 97):

[...] “relatos descritivos” sobre o desempenho das crianças, passam a ser elaborados em creches e pré-escolas nos anos 70, denominados, até hoje, por “pareceres descritivos”.

Sendo o parecer descritivo um documento que é escrito pelo professor ao final de cada semestre ou trimestre, conforme a organização do município, pois por ser um documento, o professor deve escrever com certa formalidade, evidenciando o desenvolvimento da criança. Neste documento o docente descreve os processos de aprendizagens de cada uma das crianças de maneira individualizada, tendo as observações e registros como material de apoio para essa escrita.

Mas isso, não era assim desde o início, esse detalhamento bem característico e personalizado das aprendizagens, mostrando os progressos da criança, não ocorria, como Barbosa e Horn (2008, p. 98) nos mostram em seu livro:

As avaliações entregues às famílias, quase sempre enormes e repletas de informações fragmentadas, pouco falavam da vida da criança na escola, de seu desenvolvimento, da sua relação com os demais.

Com o passar dos anos essa personalização passou a ter mais eficácia, pois segundo as autoras Barbosa e Horn (2008, p. 98), até a democratização do nosso país, esses documentos eram muito comparativos e pouco descritivos sobre as aprendizagens. Até este período, muitas escolas utilizavam uma tabela na qual assinalava com um “x” as aprendizagens da criança, mas até os pareceres descritivos se tornarem de fato descrições dos processos, passaram-se muitos anos.

Na minha época escolar a professora fazia diferentes modelos de parágrafos para descrever as aprendizagens, escolhendo aquele que melhor se encaixava ao aluno, deixando de ser um documento com características pessoais. Com o passar dos anos podemos perceber uma grande evolução com relação a esta personalização, que traz características, falas e aprendizagens de forma individualizada de cada criança.

Para a elaboração deste documento, é necessário que se revise os registros que foram feitos como falamos anteriormente, através de fotos, gravações e anotações, para que se possa atribuir um significado para determinada ação. Após analisar esses registros o professor detalha as aprendizagens, bem como as ações do cotidiano realizadas pela criança.

O parecer descritivo, como o próprio nome já nos diz descreve a criança detalhando o seu semestre. Sendo importante ressaltar que o professor não deve fazer comparações entre as crianças, mas sim detalhar o que ela aprendeu ao longo do semestre, relatando situações, falas e brincadeiras. Conforme Hoffmann (2012, p. 103),

Em vez de analisar se uma criança está se desenvolvendo “mais ou menos” do que as outras, é preciso fazer relatos sobre o seu jeito de ser e de aprender na escola para compreendê-la e lhe oportunizar o desenvolvimento pleno.

Por este motivo, torna-se essencial o processo de escrita do professor, devendo ela ser minuciosa e rica em detalhes, para que a família veja o seu filho(a) refletido no parecer. Nesta escrita deve constar as conquistas realizadas pela criança no decorrer do semestre, não classificando ou comparando-a, mas sim de fato, contando como deu-se essas aprendizagens, mostrando que elas foram significativas. Durante este processo de escrita, o professor consegue ressignificar também a sua prática, pois através das observações diárias, ele consegue refletir sobre as suas ações pedagógicas, repensando o que poderá ser modificado e o que deve ser mantido.

Hoffmann (2012, p. 114) apresenta “três tempos articulados e complementares” para a escrita do parecer descritivo: o primeiro deles “tempo de

observação/descrição da ação”, neste primeiro momento o professor reflete sobre as observações e seleciona as de maior importância, descrevendo as brincadeiras e ações realizadas na maior parte do tempo pela criança. No segundo “tempo de retomada/reflexão”, no qual ele revisita as anotações realizadas ao longo do semestre e compreende os caminhos percorridos pela criança, partindo disso, ele pensa sobre novas práticas para promover as crianças. E no último “tempo de reconstrução/mediação”, em que a reflexão abrange “situações educativas”, bem como o desenvolvimento da criança, relatando-os, e a reflexão para uma melhoria da prática do professor.

Com base na autora Hoffmann (2012, p. 116), se seguirmos estes “três tempos”, em conjunto com diálogo com outros docentes e o compartilhamento destes documentos, o professor conseguirá atingir um nível de criticidade e reflexão muito melhor. É de extrema importância que o professor tenha o conhecimento de que este documento acompanhará a criança durante toda a sua jornada escolar. Por este motivo, o docente deve ter uma sensibilidade para este momento de escrita, pois quando a criança troca de escola, é por meio dele que a escola seguinte poderá conhecer este aluno.

O parecer descritivo é uma forma de diálogo entre a família e a escola, pois é por meio dele que os pais têm o conhecimento dos processos de desenvolvimento de seu(a) filho(a). A família tem o direito de conhecer e poder acompanhar estes processos do desenvolvimento, pois confiam seus bens mais preciosos para pessoas muitas vezes estranhas até o início do ano letivo.

Na escola em que o parecer foi coletado, a entrega deste documento ocorre no final de cada semestre para os familiares responsáveis pela criança. Neste dia também, geralmente são entregues o portfólio e as mini-histórias - tópicos que serão desenvolvidos a seguir.

3.2 Portfólio

O portfólio trata-se de uma pasta que contém materiais, como fotos e descrições para divulgar o trabalho. Neste caso, na educação infantil ele tem o mesmo sentido, mas ele serve para que se evidencie os processos de

aprendizagem da criança, contendo fotos e narrativas que sustentam essa escrita, que é entregue para as famílias juntamente com o parecer descritivo.

Para Barbosa e Horn (2008, p. 110), no âmbito educacional, os portfólios são pastas construídas ao longo do semestre, que contém materiais construídos pelas crianças durante este período. Este material serve também para que as famílias e crianças deem sentido às aprendizagens ao longo deste percurso.

Ainda segundo as autoras “Os portfólios não são apenas a seleção de materiais. É preciso apreciar, analisar, interpretar, construir sentidos, planejar o futuro, criar uma narrativa final.”. Ou seja, não se resume somente a um compilado de materiais, envolve o planejamento do professor, organização das propostas, bem como sua seleção, pois deve ser um registro significativo para a criança.

Crianças menores e crianças pequenas podem e devem fazer parte deste processo que envolve a confecção e elaboração do portfólio, pois todo o material foi criado por eles. É necessário levar em consideração também, qual será sua forma de apresentação, pasta, caixa, dentre outras, para que ele seja resistente ao manuseio dos familiares e crianças, como Barbosa e Horn (2008, p. 112) nos falam. Para os bebês esta confecção fica mais restrita aos professores, entretanto, nada impede eles de contribuírem neste processo.

Sá-Chaves, por meio de Marques (2010, p. 101) defende a ideia do portfólio reflexivo pois

[...] trata-se de uma estrutura dinâmica definida em função de um objetivo explícito; integra no processo de descrição-narração-reflexão-(meta)reflexão as experiências práticas e as teorias que as sustentam; recorre a fontes múltiplas de evidências (relatos, fotografias, observações, instrumentos de pesquisa, textos, auto-reflexivos, gravações...); constitui um documento autêntico (existe uma ligação direta entre os fatos experienciados e seus relatos, tidos como parte da evidência); captura o crescimento e a mudança no conhecimento do educando ao longo do tempo; é uma peça única.

Neste sentido o portfólio serve para que possamos ter maior aprofundamento e conhecimento sobre o processo de ensino aprendido das nossas crianças, seria como uma espécie de comprovação desta prática, auxiliando na reflexão e compreensão dos fatos. Possibilitando que a família/criança possa revisitar e reviver estes momentos, e como ela mesma nos relata trata-se de uma “peça única”, pois

deve ser elaborado com características que remetam a esta criança, o professor pode ter um modelo planejado a ser seguido, mas deve deixar o portfólio com aspectos da própria criança.

Não é necessário que o professor crie diferentes portfólios ao longo do ano. Ele pode planejar um protótipo no início do ano, acrescentar o material, entregá-lo na metade do ano e solicitar que próximo ao final do ano letivo, ele retorne para escola, no intuito do professor dar continuidade e fazer a entrega final para as famílias, no momento em que se encerra o ano. Desta forma, se torna um documento único que representa as descobertas de toda uma etapa.

De acordo com Oliveira *et al.* (2011, p. 93), o portfólio

Associado ao relatório do(a) professor(a), ambos constituem documentos importantes para a análise dos avanços das crianças e da turma, oferecendo subsídios necessários para novas ações e estratégias a serem planejadas para que as crianças possam se desenvolver ainda mais.

Desta forma, nos mostra que as documentações se complementam, sendo de extrema importância desenvolver um portfólio que contempla as aprendizagens de cada uma das crianças. Bem como, é fundamental para que eles possam acompanhar de maneira mais lúdica as suas conquistas ao longo do semestre/ano letivo.

3.3 Mini-história

A mini-história é uma forma extremamente moderna de documentar, na qual o brasileiro Paulo Fochi, é referência para se pensar essa prática na Educação Infantil. Começaremos então com o conceito do que é mini-história que, de acordo com Fochi (2019, p. 16),

O conceito das mini-histórias surgiu nos anos oitenta, em Reggio Emilia, quando Malaguzzi convida as professoras a narrar sobre os percursos de aprendizagem das crianças através de breves relatos visuais e textuais.

Como ele mesmo nos fala, este conceito surgiu na Itália e chegou ao Brasil tempos depois, e aos poucos foi sendo incorporada às escolas com o intuito de

compartilhar com famílias e escola em geral este cotidiano dentro da escola. As mini-histórias, tem o intuito de ajudar a compor este processo avaliativo, nelas a docente narra esses caminhos, com o auxílio de fotos que ilustram, esta escrita é mais poética, mais livre, no qual o professor tem maior liberdade, sem compromisso com a formalidade.

Essas mini-histórias geralmente são escritas e expostas pela escola, com o intuito de comunicar a comunidade escolar sobre as propostas e descobertas, obtidas pelas crianças, ao longo do período que está na escola, comunicando as famílias dessas vivências. Ao final do semestre o professor reuni elas, anexando ao portfólio da criança, com o intuito de tornar visível essas aprendizagens.

De acordo com Fochi (2019, p. 17) “É exatamente na busca por formas de comunicação mais sensíveis ao mundo das crianças que surgem as mini-histórias.”. Ou seja, com o intuito de mostrar para as famílias o cotidiano da criança na escola e suas descobertas de uma maneira mais sensível, abordando isso com muito mais sensibilidade e colocando sempre a criança como protagonista deste processo.

Por este motivo, torna-se extremamente importante o processo de escolha das observações para realizar e escrita, pois o professor deve interpretar e relatar um episódio que de fato seja significativo para a criança. Como podemos ver neste excerto de Fochi (2019, p. 23)

Escolher contar algo sobre as crianças diz muito mais do que querer contar tudo. Ao mesmo tempo em que narramos sobre as crianças que protagonizam as histórias, também estamos falando sobre a infância enquanto uma categoria geracional e, portanto, que é histórica e socialmente construída.

Através dessas narrativas, tornamos visíveis as aprendizagens das crianças e seus significados, diante das propostas do cotidiano, pois, a mini-história deve relatar um episódio de grande importância para a criança, momento este relatado pelo olhar do professor. Com essas narrativas, também podemos conhecer um pouco mais sobre o docente, pois é preciso parar para refletir sobre as observações e suas propostas pedagógicas e capturar um momento significativo para relatar essas vivências, que corrobora com o que Fochi (2019, p. 23), nos fala: "O modo de

planejar dos professores e de construir a continuidade do planejamento também se vale desse exercício de narrar.”

Podemos perceber que a criança é sempre o protagonista destes processos, o professor está ali para narrar e tornar visível o processo de aprendizagem e vivências no contexto escolar. Além de uma preocupação com a escrita, de escolher as palavras certas para expressar a conquista, o professor deve atentar-se a escolha das fotos, que passem a mensagem desejada, ou seja, que retratam de fato a aprendizagem e organizar um layout que seja atrativo, para os que desejam realizar a leitura, seja ela feita no corredor da escola ou dentro do portfólio entregue para a família.

De acordo com Fochi (2019, p. 108) as fotos são muito importantes ao longo deste processo, elas necessitam estar nítidas, com boa luminosidade, com um bom ângulo, não há um número exato de imagens para compor a narrativa, mas o ideal é que a foto comunique o desejado. É preciso que ao olhar para a foto tenhamos clareza sobre a narrativa. Caso a escolha seja uma foto que retrate “o argumento principal”, o ideal é que ela fique em destaque, geralmente em tamanho maior que as demais que irão compor a narrativa.

De acordo com Fochi (2019, p. 31), “[...] as mini-histórias podem assumir o papel de revelar as aprendizagens, as vivências, as brincadeiras, as investigações, as conversas e mostrar o quão potentes são as relações dentro da escola.”. Por isso, o processo de escrita dessas narrativas precisa ser potencializado, pois são tantas vivências dentro do ambiente escolar, que muitas delas não cabem dentro de um parecer, é preciso que haja esta complementação. Porque além da escrita, neste âmbito a imagem capturada retrata toda a emoção vivida no momento, além disso em algumas delas inclusive há a transcrição da fala da criança, demonstrando toda a singularidade que há em uma mini-história.

Conforme Fochi (2019, p. 39), a mini-história é uma forma de “comunicação e reflexão”, ou seja, comunica para escola, famílias e dentre outros, o que é vivenciado, experimentado e investigado dentro da escola e uma reflexão da prática do professor com relação ao desenvolvimento da criança, respeitando a sua individualidade.

Com o passar dos tempos, as mini-histórias, passam a fazer parte do cotidiano dos professores e das famílias. Elas não são uma documentação exigida nas escolas como os pareceres e portfólios, mas aos poucos vão sendo inseridas, por aqueles professores que acreditam em uma infância diferente. Na qual o protagonismo e a singularidade de cada criança deve estar evidente dentro da forma de documentar esse processo avaliativo, pois muitas vezes isso fica para trás, deixando de ser comunicado para os familiares e com a chegada das mini-histórias todo o processo torna-se visível.

4 OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando-se de três documentos de uma mesma criança. Prodanov e Freitas (2013, p. 70), nos explicam que a pesquisa qualitativa é,

[...]A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. [...]Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados.

Ou seja, não é possível traduzir em números os dados da pesquisa, e sim por meio de uma análise dos conteúdos. O corpus da análise é constituído por um parecer descritivo, cinco mini-histórias e o portfólio de uma mesma criança, da faixa etária 1, que tem entre 1 e 2 anos, de uma escola pública, da rede municipal de Novo Hamburgo.

Um documento, segundo Silva (2011, não paginado),

Os documentos constituem importante fonte de informações atuais ou mesmo históricas. Utilizados como ferramenta para a coleta de dados, permitem ao pesquisador comprovar documentalmente explicações e esclarecimentos sobre determinado tema.

Sendo assim, a pesquisa tem como finalidade compreender como a argumentação se faz presente nas documentações, para convencer o leitor das aprendizagens desta criança. A análise de dados será realizada por meio de análise linguística, embasada no referencial teórico apresentado nesta pesquisa.

Dessa forma, serão analisados os documentos produzidos pela professora, com o objetivo de identificar a argumentação que estes possuem a respeito da aprendizagem da criança, identificando o que aquele argumento representa no documento.

Da análise dos três documentos, emergiram categorias relacionadas com encadeamentos argumentativos presentes nos textos. Desses encadeamentos, abordaremos os três mais presentes em 13 trechos dos textos: oposição, causa e conjunção.

4.1 Oposição

Charaudeau (2012, p. 211) esclarece que a oposição “opõe duas asserções”, mas “a oposição não estabelece propriamente uma relação de causalidade entre as duas partes”.

A primeira oposição que destaco é a que segue:

“Clara retorna à escola, reencontra seus antigos companheiros de sala, o solário é o mesmo, (Conclusão R - tudo certo, tudo tranquilo, nenhuma novidade.)

***mas percebe** algumas crianças novas, professoras novas e a sala não é a mesma.” (Conclusão Não-R - não tá tudo certo, não tá tudo tranquilo, tem novidade.)*

Neste trecho, quando iniciamos a leitura, imaginamos uma conclusão, chamada aqui de conclusão R, ou seja, uma conclusão implícita, na qual já se imagina qual será a conclusão, em que se acredita que está tudo bem. Mas ao concluirmos a leitura, percebemos que não chegamos a conclusão imaginada, neste caso chegamos a conclusão não-r, na qual não está tudo bem, pois tem novidades, tem colegas novos e ela não está mais na mesma sala.

Neste caso é o **mas percebe**, que evidencia essa oposição de argumentos, o lugar é o mesmo, mas as pessoas que nele estão não são as mesmas.

A parte que segue é a continuação do trecho acima,

“A menina chega um pouco envergonhada acompanhada de sua mãe. Aos poucos a vergonha vai ficando de lado, dando espaço para um olhar curioso, buscando por algo que chame sua atenção. Clara junto da mãe começa suas brincadeiras com os animais, fazendo relação com sua vivência de casa. As bonecas são suas companheiras de sala, brincadeira

reproduzida de casa e no espaço externo o balanço e as bonecas fazem companhia para esse momento de pertencimento ao novo espaço.”

Esta parte justifica as ações da criança, pois tem novidade nesse novo espaço e a criança quando entra em contato com algo novo, não se sente tranquila com a mudança e por esse motivo parece que ela está envergonhada.

Assim, neste trecho, a professora parece querer convencer a família de que ela já conhece algumas coisas, mas que este ano terá que se adaptar a essas novas mudanças tanto dos espaços, quanto do corpo docente - e que essa mudança pode gerar algum desconforto.

No segundo trecho,

*“Clara **parece se** sentir cada vez mais a vontade, e já permanece todo o período da tarde na escola, alguns dias chega dormindo em outros ao perceber que a mãe realmente foi embora um choro e um colo são necessários para esse momento. (Conclusão R - Tudo tranquilo)*

***Mas logo** tudo mudaria, em março recebemos a notícia que iríamos precisar ficar longe, com a chegada da pandemia precisamos mudar algumas coisas em nossa rotina e para manter o contato com crianças e famílias, começamos a fazer encontros virtuais.” (Conclusão Não-R - Não tá tranquilo)*

Nesse, temos o **parece**, nos leva a uma conclusão implícita de que está ficando tranquilo este momento para ela. Mas em seguida, o **mas logo**, assim como no primeiro trecho, mostra uma contraposição, dos momentos vividos na escola, que pareciam estar tudo bem, mas em virtude da pandemia, tudo mudou e não está mais tranquilo, pois tiveram que se adaptar ao ensino remoto.

No trecho que segue, o documento original,

*“O espaço virtual começa a fazer parte dos dias e meses da turma, da escola e de nossas vidas. Iniciamos aos poucos para manter o vínculo que estávamos construindo na escola, enviando fotos e vídeos. Logo recebemos alguns retornos das famílias, alguns conseguiram participar, outros não tinham a mesma disponibilidade, **mas** com tudo isso cada um se fez presente de sua maneira.”*

Nesse trecho, assim como no anterior, temos uma justificativa para a oposição, pois quando todas as novidades pareciam estar se acomodando, surge uma nova e tiveram que se adaptar a isso.

Assim, neste trecho, a professora parece querer convencer a família de que ela tem que estar atenta, pois a criança está vivenciando algo novo em casa, e por isso é tão importante os retornos.

No trecho a seguir, há mais uma oposição.

“Logo recebemos alguns retornos das famílias, alguns conseguiram participar, outros não tinham a mesma disponibilidade, (Conclusão R - Funcionou em parte)

***mas** com tudo isso cada um se fez presente de sua maneira.”*
(Conclusão Não-R - Funcionou a partir da singularidade de cada um)

Nele temos o **mas**, que também faz o papel de oposição dos argumentos, a conclusão R seria: assim que as atividades de vínculo passaram a ser de forma virtual, as famílias que dispunham de um maior tempo rapidamente responderam. Em contrapartida, a conclusão não-R seria que outras demoravam um pouco mais para interagir, ou seja, cada uma com suas particularidades e no seu tempo se fez presente ao longo do período.

Assim, neste trecho, a professora parece querer convencer a família de que neste contexto não funcionar, não quer dizer estar ou não presente, mas sim de que funcionar é buscar fazer o seu melhor.

De modo geral, as três oposições encaminham a família para uma conclusão, mas que no final não é o que imaginaram. Ou seja, a professora tenta convencer a família de aceitar o novo, e também da importância que a família tem em todo o processo escolar, tentando sempre fazer o seu melhor e ajudando as crianças nessas etapas, tendo a oposição sempre em relação a um senso comum.

4.2 Causa

Para Charaudeau (2012, p. 211), o encadeamento por causa é uma “relação de ‘causalidade explicativa’. É expressa tipicamente por ‘A1 porque A2’ (e algumas outras marcas).” O primeiro trecho que destaco é o que segue:

“A menina chega um pouco envergonhada acompanhada de sua mãe. Aos poucos a vergonha vai ficando de lado, dando espaço para um olhar curioso, buscando por algo que chame sua atenção. Clara junto da mãe começa suas brincadeiras com os animais, fazendo relação com sua vivência de casa. As bonecas são suas companheiras de sala, brincadeira reproduzida de casa e no espaço externo o balanço e as bonecas fazem companhia para esse momento de pertencimento ao novo espaço.”

Nesse recorte, inicialmente a professora nos apresenta um fato que entendemos como sendo a causa, que seria o A1 no qual a vergonha vai ficando de lado porque A2 ela começa a brincar. A professora apresenta a causa e logo utiliza-se de argumentos para dizer do porquê dela estar se sentindo assim.

Assim, por meio da causa, a professora parece querer convencer a família de que tem um motivo para ela se sentir envergonhada, mas que aos poucos tudo está passando, pois ela começou a brincar.

Outro trecho que nos proporciona reconhecer a causa é o excerto abaixo,

“Com o passar dos dias a despedida começa a ficar um pouco mais tranquila, a mãe começa a sair da sala a menina descobre que pela porta do solário pode encontrar sua antiga sala e rever a primeira professora.”

Aqui neste trecho o A1 é a mãe pode sair da sala porque A2 a menina pode rever a outra professora, ou seja, o momento de despedida começa a ficar mais tranquilo, pois ela tem a confiança de que poderá rever a professora do ano anterior, com a qual tinha muita afinidade.

Assim, por meio da causa, a professora parece querer convencer a família de que a mãe poderá ficar tranquila, pois ela pode rever a professora do ano anterior, mostrando para a família que a criança terá uma referência dentro do espaço escolar, alguém que também lhe traz segurança.

No trecho a seguir também podemos ver uma situação de causa,

“Sua criatividade para construir brincadeiras é incrível, a menina que já faz uso da linguagem oral, expressa em seus vídeos seu vocabulário amplo, conversando e explicando suas ações.”

Por fim, temos a A1 criatividade incrível para construir brincadeira porque ela usa a linguagem oral, com um vocabulário amplo. Ou seja, através da linguagem, percebe-se que tem muita criatividade, pois ela explica as suas ações, dando significado às suas brincadeiras.

Assim, por meio da causa, a professora parece querer convencer a família de que ela tem uma criatividade incrível, pois se expressa através do diálogo, narrando os fatos e evidenciando toda a sua autonomia e criatividade.

De modo geral, as três causas por meio do porque, encaminham a família para evidenciar que cada ato da criança tem um porque, no intuito de tranquilizar a família.

4.3 Conjunção

Charaudeau (2012, p. 211) define a conjunção como “uma operação de adição”, ou seja, uma soma que “serve para expressar uma relação argumentativa”. No primeiro trecho, encontramos:

“Clara parece se sentir cada vez mais a vontade, e já permanece todo o período da tarde na escola, [...] Mas logo tudo mudaria, em março recebemos a notícia que iríamos precisar ficar longe, com a chegada da pandemia precisamos mudar algumas coisas em nossa rotina e para manter o contato com crianças e famílias, começamos a fazer encontros virtuais.”

Aqui nesse trecho que também analisamos em outro tópico, temos duas conjunções, a primeira delas é que Clara se sente mais à vontade e realizamos a soma com o e permanece todo o período, com essa soma chegamos a conclusão de que ela está se adaptando a este novo espaço, conseguindo permanecer o turno na

escola. A segunda, é que ocorre uma mudança na rotina e de manter o contato com as crianças e famílias, deste modo chegamos a conclusão de se reinventar e encontrar meios para resolver a questão da distância.

Assim, essa conjunção, ao encaminhar para uma conclusão, parece argumentar em favor de que precisamos nos adaptar e reinventar diante de alguma situação que peça isso.

Temos nesse trecho também mais alguns exemplos de conjunções,

“Também ficamos sabendo que o acesso a internet não era muito bom, por sua casa ser mais no interior. Com a mudança para a casa da avó, o acesso à internet era melhor e conseguiam participar de vários encontros realizados pela plataforma meet. Em um dos encontros Clara começa a querer participar mais, quer mostrar suas unhas que foram pintadas pela dinda, reconhece um de seus amigos do ano passado e eles trocam algumas palavras entre eles, momento em que pudemos perceber o quanto essas crianças tão pequenas já começam a ter compreensão desta nova ferramenta para se comunicar.”

Nesse exemplo, também temos o e que realiza a soma de argumentos, a mudança de casa facilitou o acesso a internet e conseqüentemente conseguiram participar dos encontros, deste modo chegamos a concluir que a mudança foi boa, pois assim a participação aumentou.

Assim, essa conjunção, ao encaminhar para uma conclusão, parece argumentar em favor de que foi boa a mudança, pois a criança pode interagir mais com os colegas.

Esse “já” que aqui apareceu, não é uma categoria de análise, mas é uma marca linguística recorrente nos textos, como podemos ver em outros trechos. Neste caso, ele faz o papel de introduzir novos pressupostos de um argumento, pois é a partir dele que percebemos uma compreensão por parte da criança para a ferramenta. Vejamos mais alguns exemplos:

“Sua criatividade para construir brincadeiras é incrível, a menina que já faz uso da linguagem oral, expressa em seus vídeos seu vocabulário amplo, conversando e explicando suas ações.”

Nesse recorte, a professora começa dizendo que a criatividade da criança é incrível, logo após afirmar isso, a professora apresenta argumentos que elucidem e comprovam as suas hipóteses. Percepções estas que foram observadas ao longo dos vídeos enviados para a professora, ou seja, os argumentos foram construídos a partir de fatos.

*“Enquanto, Clara, conversa com as professoras, o menino **já** demonstra sua curiosidade nos materiais da sala nova.”*

No trecho acima, é trazido um novo argumento que leva à conclusão de que a criança está familiarizando-se com o espaço da sala de referência, utilizando a marca linguística **já**.

*“Clara logo que entra em sala, **já** se reconhece neste espaço, corre pela sala, parecendo feliz em voltar à escola, reencontrar seus antigos colegas **e** conhecer os novos.”*

Nesse excerto, temos o **já** e o **e**, o primeiro tem a intenção de marcar um tempo em que ocorre esse fato, já o **e**, realiza a soma dos argumentos, que seria reencontrar os antigos colegas e conhecer os novos, concluindo que ir para este espaço é bom pois tem o contato com outras crianças, algumas já conhecidas e outras novas.

Assim, essa conjunção, ao encaminhar para uma conclusão, parece argumentar em favor de estar no ambiente escolar é muito importante, pois se tem a interação com outras crianças, e que juntas elas fazem trocas importantes umas com as outras.

No trecho abaixo temos também a soma de argumentos,

*“Logo a família de Clara, envia fotos e vídeos, da menina dormindo, brincando em seu pátio riquíssimo, com sua irmã, alguns primos, seus familiares mais próximos, dançando, **e** assim conseguimos acompanhar esse desenvolvimento da menina, que brinca no arroio, imaginando que é a praia, fala para o familiar que a filma sua imaginação.”*

Ou seja, temos o e que realiza a soma de argumentos, o primeiro que é o compartilhamento de fotos e vídeos, que somados com poder acompanhar o desenvolvimento, se conclui que é de extrema importância esses envios.

Assim, essa conjunção, ao encaminhar para uma conclusão, parece argumentar em favor da importância da participação da família, enviando fotos e vídeos, pois esse no momento é o único meio da professora saber como está o desenvolvimento da criança.

No trecho a seguir, podemos ver a conjunção presente também,

“Depois de alguns minutos Clara não sente mais vontade de participar, desce do colo de sua mãe e vai em busca de outras coisas pra fazer.”

Nesse trecho somamos o fato da menina não sentir-se mais à vontade para participar e que ela vai buscar novas coisas para fazer, concluímos que a menina está cansada de estar ali e que a mãe respeita isso deixando-a sair do seu colo.

Assim, essa conjunção, ao encaminhar para uma conclusão, parece argumentar em favor de que a mãe respeita a criança, e de que o quanto é importante esse respeito com relação ao tempo em que a criança quer participar.

A seguir temos o último trecho deste tópico,

“Neste momento de relação e afeto as crianças tão pequenas demonstrando todo seu entendimento desta nova ferramenta e de como se comunicar e mesmo que distante, ‘matar’ a saudade que sentem em estarem juntos.”

Para concluirmos, nesse a soma é realizada e somando o fato dela ter o conhecimento da ferramenta e de como se comunicar mesmo que distante, fazendo concluirmos que ela mesmo tão pequena já compreende essa ferramenta e que é por ela que consegue se comunicar com colegas e professoras.

Assim, essa conjunção, ao encaminhar para uma conclusão, parece argumentar em favor de que esse é o meio que atualmente temos para nos comunicar com as pessoas, com as quais não se pode estar perto em virtude da pandemia.

De modo geral, as 6 conjunções encaminham a família para mostrar o quanto

a escola é importante para a criança, mostrando que a participação da família é fundamental para a aprendizagem da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, elaborada a partir das argumentações presentes nas documentações da Educação Infantil, teve como objetivo principal perceber como a argumentação se faz presente nessas documentações para descrever as aprendizagens. Para tanto, foi utilizada uma abordagem de cunho qualitativo, na qual analisamos um conjunto de parecer descritivo, portfólio e mini-histórias de uma única criança. O estudo contou com 13 excertos, extraídos desses conjuntos que foram analisados e separados em três categorias de modos de encadeamento.

Diante das categorias analisadas, o resultado obtido foi que a argumentação estava presente em todos os documentos por meio de encadeamentos argumentativos. Destes, analisaram-se três: a oposição, a causa e a conjunção. Desde o parecer até a mini-história, por meio de encadeamentos que mostram o desenvolvimento e as evoluções da criança ao longo do processo de adaptação. Relata também as aprendizagens e dificuldades da família e criança com o ensino remoto, do acesso a internet e da familiarização com as ferramentas. Argumenta também falando dos processos de criação da menina, da sua autonomia para criar e demonstrar os seus desejos. Em poucos momentos a voz da criança se faz presente, para dar ainda mais credibilidade aos argumentos, mas a professora, vale-se da sua interpretação para apresentá-los.

De modo geral, os argumentos serviram para mostrar a importância que a escola tem na vida da criança, mostrando que a participação da família é fundamental nesse processo de ensino aprendizagem, cada um ajudando e participando da sua maneira, respeitando sempre a individualidade de cada um. Vimos também, que cada ação da criança tem um porque e através da argumentação é possível explicar essas ações.

Percebeu-se também, o quanto a argumentação é fundamental para evidenciar os processos de aprendizagem das crianças. É por meio dos argumentos apresentados pelo professor, que a família pode ter uma maior compreensão de como isso ocorre, pelos olhos do docente.

Algumas das limitações encontradas ao longo deste estudo, foi que a análise deu-se somente com um conjunto, talvez eu pudesse ter analisado mais conjuntos

de diferentes faixas etárias e professores. Assim, poderia realizar um comparativo entre as mesmas faixas etárias, com conjuntos de professores diferentes.

Em razão disso, abre-se espaço para que novos estudos sejam realizados abrangendo mais conjuntos de pareceres, portfólios e mini-histórias, de faixas etárias diferentes ou iguais. Ou pode-se realizar uma análise da mesma criança, mas ao longo de dois semestres, pois teriam dois conjuntos, mas de uma única criança.

Ao longo da pesquisa fiquei pensando em como ela impactaria na minha profissão, professora de Educação Infantil e licenciada em Letras, e a resposta apareceu rapidamente. Estamos em processo de escrita das documentações e ao iniciar uma delas, parei e comecei a refletir sobre quais argumentos utilizar, se estava me fazendo compreender com a escolha que havia feito, se eu não poderia anexar uma fala ou relato para elucidar ainda mais esse processo de aprendizagem.

Enfim, muitas foram as reflexões realizadas, e com muita certeza digo, que o estudo me impactou positivamente, pois com ele foi possível olhar com mais atenção para a argumentação dentro das documentações e evidenciar através dessa pesquisa o quanto é importante a presença da argumentação. Percebo o quanto me ajudou no processo de escrita e o quanto essa pesquisa irá ajudar outras pessoas ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. et al. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **A argumentação talvez não seja o que parece ser**. In: GIERING, Maria Eduarda, TEIXEIRA, Marlene. Investigando a linguagem em uso. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 33 - 44.

CHARAUDEAU, Patrick. **A argumentação em uma problemática da influência**. *REVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Tradução de Maria Aparecida Lino Pauliukonis. [www.revel.inf.br].

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 1a ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FOCHI, Paulo. (org). **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI**. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2018.

MARQUES, A. C. S. T. L. A. **A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da Educação Infantil**. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07042011-141501/publico/AMANDA_CRISTINA_TEAGNO_LOPES_MARQUES.pdf> Acesso em 17 ago. de 2020 às 13h 45min.

OLIVEIRA, Marinalva de. et al. **Reorientação curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Lisiane Vasconcellos da. (org). **Métodos e procedimentos de pesquisa: do projeto ao relatório final**. Editora Unisinos, 2011. Livro eletrônico, não paginado.